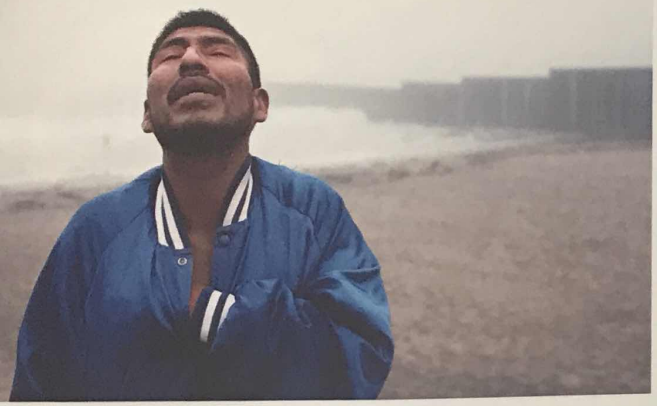
POR UMA ECOLOGIA DA IMAGEM

ANTES DE SAIR PARA MAIS UMA TURNÊ DE VIAGENS PELA AMÉRICA LATINA COM UMA AGUARDADA ESCALA EM PARATY, O FOTÓGRAFO, CURADOR E PESQUISADOR MEXICANO NOS CONTOU UM POUCO DE SUA TRAJETÓRIA NA FOTOGRAFIA, O PORQUÊ DE SEU INTERESSE SOBRE QUESTÕES CULTURAIS, SOCIAIS E POLÍTICAS DO MÉXICO, O USO DE DISPOSITIVOS MÓVEIS EM SEU COTIDIANO, TRABALHOS E PESQUISAS, E O QUE PRETENDE EXERCITAR COM OS PARTICIPANTES DO WORKSHOP DURANTE O FESTIVAL.

Por Julio Bonaventura Jr e Manuela Rodrigues





Qual foi o seu primeiro contato com a fotografia?
A fotografia sempre fez parte do meu entorno familiar. Meu pai é impressor e em sua oficina fazia livros e cartões-postais. Além disso, sempre foi um entusiasta avançado da fotografia. Nessa época, as férias ou aniversários sempre terminavam com a casa escura e o projetor de slides mostrando imagens na parede.
No entanto, quando estudei comunicação na universidade, o que queria fazer na realidade era escrever. Eu gostava do jornalismo escrito, em especial da crônica. No final do curso queria estudar cinema, que é o que mais gostava depois da escrita. Hoje vejo que tentei dar a volta na fotografia, mas acredito que as cartas já estavam marcadas para que eu me tornasse fotógrafo.
Até 1986, sempre levei a fotografia em um nível amador. Participava de alguns clubes fotográficos e outras coisas do tipo, até que surge no México um jornal muito importante chamado La Jornada, uma publicação de vanguarda e de esquerda para a qual fui convidado a colaborar. E é a partir desse evento que começo a dedicar tempo integral à fotografia, profissionalmente.

Ainda considera que sua linha de trabalho é o fotojornalismo?
Não. O fotojornalismo me deu muitas bases, foi a minha escola. Ensinou-me a resolver rápido, a vincular informações, a estar muito atento e tudo mais. Além disso, nesse momento, fotografava com câmeras analógicas e fazia minhas próprias revelações e acho que isso teve grande influência no meu modo de trabalho. A maneira de disparar era diferente, de processar o material, como viajar com um minilab e montá-lo em um banheiro, por exemplo. Não estou dizendo que era melhor ou pior, apenas que eram outras circunstâncias e que isso me ensinou muito.

Como foi seu caminho até a fotografia autoral?
Trabalhei seis anos no jornal, depois três ou quatro anos como freelancer e em paralelo comecei a desenvolver projetos pessoais documentais de longo prazo.
Durante certo tempo fui combinando meu trabalho no jornal com meus ensaios, até que, pouco a pouco, me desprendi do fotojornalismo e foquei mais no campo da fotografia editorial. Comecei a trabalhar mais para fazer livros, publicar e vender fotografias para as editoras e agências. Até que em um momento passei a ganhar bolsas no México, Estados Unidos e outro tantos lugares, e então pude me dedicar totalmente ao meu trabalho pessoal. De tal maneira que com essa fórmula fiz sete livros e há quatro anos também trabalho fixo em uma universidade no México, como pesquisador e professor.

A maior parte do seu trabalho autoral se concentra na vida cotidiana e nos problemas sociais e políticos do México. Por que que esses temas te interessam tanto?
Meu interesse particular sempre foi a cultura popular, mais precisamente a cultura popular urbana. Penso que esses fenômenos da vida cotidiana urbana convergem em vários tópicos, como por exemplo o tema da migração, a relação entre espaço público e privado, entre contracultura e cultura, e entre o exercício do poder e a vontade de poder.
Também tenho interesse especial no ritual nativo dos habitantes dos bairros. Estou interessado em como se relacionam dentro dessas comunidades, que características têm que em outras partes já não identificamos. Por exemplo, a solidariedade, o sentimento de pertencimento ao lugar, uma identidade ou uma característica muito marcante de tolerância e outros aspectos que em outras partes sinto que estão se perdendo.
Em geral, as classes médias do mundo se parecem cada vez mais. Usamos as mesmas marcas de roupas, assistimos aos mesmos filmes e séries de TV, ouvimos a mesma música, comemos a mesma comida. Viajamos, mudamos de cidade e de repente tudo é tão semelhante, os centros comerciais, os shoppings e os hotéis.
Assim, sinto que estamos homogeneizando a cultura em um tom de cinza muito próximo, e para mim, a cultura popular e as comunidades ainda têm essas pontas soltas por todos os lados, ainda apresentam essas características particulares que me interessam muito.

Nesse processo de trabalho, como faz uso dos dispositivos móveis?
Desde sempre tive a necessidade de testar formatos e experimentar. É parte do meu processo, especialmente quando sinto que estou começando a me repetir, ou quando começo a "não ver". Nesses momentos, o que faço é mudar o ponto de vista, alterar o formato da câmera. Porque acho que isso me refresca o cérebro e me faz pensar, compor e clicar de outra forma. Por isso ainda trabalho com película, formatos médios, câmera digital, celular, câmeras Holga, panorâmicas e o que mais estiver disponível.
Penso que cada um destes dispositivos é uma ferramenta. Gosto de me imaginar como um pintor que têm todos os tipos de pincéis e que cada um tem um uso específico. Da mesma forma vejo o equipamento fotográfico.
Então, desde que lançaram o iPhone, o aparelho virou parte do meu equipamento, a princípio como um experimento, e depois conforme foi melhorando, se tornou cada vez mais um dispositivo útil. E ainda mais recentemente, quando surge todo esse boom do que chamamos de fotografia 3.0, que é a equação de telefone + câmera + acesso à internet, as redes sociais e os aplicativos, isso reconfigura tudo.
Para além de uma ferramenta, como parte de meu trabalho de pesquisador na universidade também temos nos interessado muito no assunto. Fizemos um documentário sobre selfies, um livro sobre dispositivos móveis, entre outras atividades, porque é parte constante da nossa reflexão. Agora, por exemplo, estou trabalhando em uma palestra em que vou falar sobre o uso que traficantes de drogas e suas mulheres estão dando aos celulares.

Você acha que o uso do celular mudou sua forma de fotografar?
Quando comecei a fotografar, era como devem ser todos os fotógrafos quando começam – dormia, saía e comia com a câmera. O tempo todo eu tinha a ideia de que podia encontrar alguma coisa, porque naquele tempo para mim era muito mais importante a fotografia do encontro e do choque. Mas agora não, com meus projetos trabalho mais a fotografia de pesquisa, uma fotografia mais de planejamento. Que serve para encontrar também, mas só o que você está procurando. É outro ritmo de trabalho.
Por isso deixei por um longo tempo de carregar a câmera diariamente e passei a usá-la apenas quando ia fotografar meus projetos. Mas com a chegada dos celulares, voltei a trazer a câmera todos os dias. Ela passou a fazer parte do meu registro cotidiano onde quer que eu esteja.
Atualmente tenho me sentido tão à vontade com o equipamento, que estou desenvolvendo projetos particulares feitos apenas com celulares. E ainda passei a usá-lo também para gravar vídeo e áudio, além dos aplicativos incríveis que vou descobrindo. Mas não posso contar mais, porque é parte do workshop em Paraty.

Sobre a pesquisa que você mencionou com os instagrams dos traficantes de drogas e suas mulheres, a que conclusões você chegou?
Ainda não são conclusões, porque estou no processo de investigação. Mas o que descobri até agora é que existe um protótipo de mulher de narcotraficante. Mulheres megaoperadas que gastam um monte de dinheiro com seu corpo, que adoram ostentar o que compram – bolsas, sapatos e outros itens de luxo. É um protótipo de mulher muito espetacular e voluptuosa e com algumas características especiais.
Primeiramente comecei com esse interesse e depois fui descobrindo que cada vez havia mais fotos daquelas mulheres com armas, ou com filhotes de tigres, leões, Ferraris, e coisas do tipo. Mas o que notei é que aí os registros já não são selfies.





Portanto, a primeira conclusão é a de que quem tira essas fotografias são os próprios traficantes de drogas. E que nesse processo suas mulheres figuram como a maioria dos seus bens de consumo. Então, do mesmo jeito que eles ostentam uma Ferrari, um cavalo puro-sangue, armas e joias, também ostentam suas mulheres.
Outro aspecto que despertou meu interesse foi pensar como a polícia do mundo inteiro está de olho nos narcotraficantes e eles estão aí dominando as redes sociais, onde teoricamente seria fácil detectar quem são e capturá-los.
Outra questão também muito interessante é sobre algo que até recentemente era um motivo de preocupação: de que algumas coisas não estavam sendo documentadas da forma tradicional. Por exemplo, nós não conhecemos um fotógrafo que está metido neste ambiente do tráfico, documentando a vida desses personagens em ensaios como os de W. Eugene Smith ou Robert Frank. Por outro lado, não creio que haja mais necessidade, pois eles estão se autodocumentando. O mesmo acontece com as comunidades indígenas, ou com as favelas.
É muito interessante ver como o acesso ao telefone celular com câmera, as redes sociais e tudo o que já dissemos está transformando nosso conceito de fotografia documental.

Você acredita que a fotografia documental clássica já não faz mais sentido atualmente?
Durante um longo período de tempo em nossos países um pensamento antropológico clássico da década de 90 e início dos anos 2000 foi o de dotar as comunidades de câmaras para que não tivessem um ponto de vista externo. Para que eles não tivessem esse olhar do branco hegemônico que vem para fotografar o negro, o índio ou o pobre. A ideia era tentar democratizar o olhar para que houvesse uma autoconstrução da identidade a partir da fotografia ou do cinema.
Bem, acho que foi um sonho que agora virou realidade, e isso foi feito sem a necessidade de agentes sociais, e sem a necessidade de transferência de tecnologia ou de acesso a estes meios de comunicação de uma forma planejada. O processo foi praticamente feito através de uma imposição tecnológica e econômica. E assim chegamos a um ponto em que a autodocumentação é uma realidade. Então, ver esse setor dos traficantes que aparentemente é um dos mais críticos, um dos mais fechados e de difícil acesso, se apresentar nas redes sociais que estão aí, me interessa muito.
Resumindo a partir dessas observações podemos discutir a autodocumentação, as concepções de documentação e como elas se transformaram, a construção de identidade e muitos outros fenômenos. Como as selfies, que evidenciam

A polícia do mundo inteiro está de olho nos narcotraficantes e eles estão aí dominando as redes sociais



Estamos ressignificando ideias, estamos reconstruindo e criando novos discursos

um grande paradoxo onde todos se fotografam de maneira igual querendo se mostrar diferentes. E, por fim, esteticamente é um deleite ver essas fotos, pois estão além de qualquer concepção que você tenha de kitsch, de absurdo, ou do que desejar. Se Marcos Lopez quisesse colocar isso em uma cena, não conseguiria [risos]. É incrível o que se passa nessas imagens.

Você se considera um curador de imagens das redes sociais?

Penso que, em vez de curadoria, é um trabalho fotográfico mesmo, uma das abordagens do que é chamado de pós-fotografia (mesmo que o termo já soe um pouco velho). Basicamente é o conceito de que agora você pode tirar fotos sem câmeras. Joan Fontcuberta disse que deveríamos entrar em um momento de ecologia da imagem e reciclar um pouco de tudo que está na rede, e acho que ele tem razão.

Me parece que, nesse momento, ser fotógrafo não significa apenas disparar a câmera. Ser fotógrafo é desenvolver projetos de ressignificação de imagens, de recontextualização, onde cada vez mais se fundem nos trabalhos aspectos interessantes de curadoria, pesquisa, reflexão e criação. Deixaram de ser como campos separados, nem mesmo em termos de consciência criativa, pois são atividades que acontecem todos os dias e que fazemos de maneira inconsciente.

Quando pegamos uma foto, por exemplo, e a colocamos em uma das pastas do Tumblr, o que estamos fazendo é curadoria. Uma vez que temos um critério com o qual devemos selecionar as imagens e agrupamos diferentes autores em torno de uma ideia, isso é curadoria. Quando pegamos uma foto de outra pessoa e colocamos em nossa capa de Facebook, a ressignificamos. Então todos os dias estamos fazendo isso de forma intuitiva. E me interessa muito levar essa realidade para o campo do debate acadêmico, para que se gerem processos criativos a partir dos fenômenos que já estão acontecendo.

A todo momento estamos ressignificando ideias, estamos reconstruindo e criando novos discursos, e na minha opinião esse é um dos dispositivos de geração de conteúdo mais importantes que existem nesse momento do século XXI.

Pode falar mais sobre como esse processo vai estar presente no workshop que vai realizar em Paraty?

Vou propor que nós utilizemos aquilo que chamo de detonadores de conteúdo, e nesse caso utilizaremos o detonador da apropriação. Então, como exercício, vamos usar uma imagem clássica que todos nós conhecemos e que seja um ícone cultural para gerar uma paráfrase. Ou seja, recontextualizaremos a imagem e a colocaremos no hoje e no agora. E todo esse processo será feito através de dispositivos móveis, as paráfrases, recriações, reapropriações, plágios, ou como você quiser chamar.

Mas gosto de ressaltar que para ser capaz de reconstruir uma obra você tem que analisá-la, tem que contextualizá-la. E nesse processo de desconstruir e reconstruir entra o que você pensa, quem você é, o que te preocupa, o que já leu, a música que escutou, qual é o seu ambiente familiar, sua orientação religiosa, sexual, sua afiliação política, tudo entra nesse momento em que você tem que decidir como vai redesenhar a imagem. Pode parecer um exercício muito simples, mas observar o processo, o que acontece no meio disso, é a parte mais interessante.

Na maioria dos meus workshops me interessa mais o processo do que o resultado. Como ficam as fotos, realmente não me preocupa. Porque quando fazemos esse tipo de coisa, especialmente se do workshop participarem fotógrafos que são muito ligados às formas clássicas da fotografia, o que acontece é que você abre a cabeça. E, sem dúvida, quando voltar a fazer seu trabalho vai fazer diferente, simplesmente porque viu outra forma de fazer fotografia.

Mas isso não quer dizer que eu faça parte de uma seita que quer induzir cada um a fazer esse tipo de fotografia. Aquilo que gostaria é mostrar que existe outra maneira de fazer isso, que neste momento estamos pensando a fotografia de outra forma e que vale a pena juntar-se a nós.



CIDADE DE DEUS / 2002

PETROBRAS, PATROCINANDO HISTÓRIAS **QUE FICAM PARA SEMPRE NA NOSSA MEMÓRIA.**

Há 20 anos, levamos a emoção do cinema da nossa gente para cada vez mais gente.

PETROBRAS

o desafio é a nossa energia

Ministério de Minas e Energia

GOVERNO FEDERAL BRASIL PÁTRIA EDUCADORA



Revista PARATY EM FOCO

Editora Madalena

Coordenação editorial
Iatã Cannabrava / Irene Paris B. de Hollanda

Direção de arte
Ekaterina Kholmogorova

Assistente de edição
Luciana Rabinovich

Editores de texto
Érico Elias e Fabio Bonillo

Colaboradores
Daniela Bousso, Eduardo Muylaert, Érico Elias, Fernanda Feitosa, Fredi Casco, Julio Boaventura Jr., Marcela Jones, Manuela Rodrigues, Mônica Zarattini e Paula Sacchetta

Impresso no papel Pólen Bold 90 g pela Ipsis Gráfica e Editora, em setembro de 2015.

PARATY EM FOCO
FESTIVAL INTERNACIONAL
DE FOTOGRAFIA

Direção geral
Giancarlo Mecarelli | Maxime Delmotte [Galeria Zoom, Paraty]
Iatã Cannabrava | Irene Paris B. de Hollanda [Estúdio Madalena, São Paulo]

Curadoria geral
Iatã Cannabrava

Curadoria de exposições
Claudi Carreras

Produção executiva
Marcela Jones [São Paulo]
Mariza Cermelli [Paraty]

Produção em São Paulo
Carmen Negrão [coordenação de workshops]
Andressa Cerqueira | Barbara Uetanabara | Marcella Marer | Max Nogueira | Nathalia Rodovalho | Luciana Rabinovich | Regina Leal | Renata Baralle | Thamy Matarozzi | Waldema

Produção em Paraty
Charles Alvarez [coordenação técnica]
Sandrine Ghys [recepção de convidados]
Juliana Pinheiro [assistente de produção]

Conselho
Claudia Jaguaribe | Claudio Edinger | Clício Barroso | Eduardo Muylaert | Isabel Amado | Juan Esteves | Rubens Fernandes Jr.

Indicações Convocatória em Foco
Ihiro Hayami [Tokyo Institute of Photography / Japão] | Manik Katyal, [Emaho Magazine / Índia] | Jorge Panchoaga e Santiago Escobar Jaramillo [Colectivo Más Uno / Colômbia]

Comitê de seleção Convocatória em Foco
Eduardo Saron [Itaú Cultural] | Iatã Cannabrava [Estúdio Madalena] | Paulo Miyada [Instituto Tomie Ohtake] | Ronaldo Entler [FAAP] | William Silveira [Nikon]

Comunicação
Érico Elias [edição de textos] | Juliana Gola [assessoria de imprensa] | Coletivo Oitenta Mundos [blog e mídias sociais]

Desenvolvimento web e design gráfico
Ambush [Guatemala]

Realização
Galeria Zoom [Paraty] | Estúdio Madalena [São Paulo]

11° PARATY EM FOCO
FESTIVAL INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA
DE 23 A 27 DE SETEMBRO DE 2015

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCÍNIO

Itaú · BR PETROBRAS · Rio de Janeiro Secretaria de Cultura · Prefeitura Paraty

PARCEIROS

EPSON Exceed your vision · Nikon · FAAP · ipsis gráfica e editora

APOIO

Fotografe · select · Maccaferri · Imperatriz · Alves Tegam · mtp · syngenta · Photographic Museum of Humanity

REALIZAÇÃO

Estúdio Madalena · Galeria Zoom de Fotografia de Paraty · Rede · Ministério da Cultura · Governo Federal Brasil Pátria Educadora